



## ***Desafios e Estratégias no Atendimento a Mães Atípicas no Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Revisão Integrativa***

Wanuelly Andreza Silva Melo, Bruna Aparecida Alves Villafranca, Samuel Cândido Freres, Vanessa Costa Neiva, Thaís Abreu Santos Reggiani, Graciane da Costa Alencar, Fabiana Zanetti da Costa, Cristiann Fernando da Silva Araújo, Lucas Frota de Souza



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n7p1628-1640>

Artigo recebido em 20 de Junho e publicado em 30 de Julho de 2025

### **REVISÃO DE LITERATURA**

#### **RESUMO**

O Sistema Único de Saúde (SUS) visa garantir acesso universal e equitativo à saúde, incluindo a atenção materno-infantil. No entanto, mães atípicas — aquelas que cuidam de filhos com deficiências, doenças raras ou transtornos do neurodesenvolvimento — enfrentam desafios singulares dentro da rede pública. A sobrecarga física e emocional, somada à fragmentação dos serviços e à falta de acolhimento adequado, evidencia lacunas no cuidado ofertado. Este estudo realiza uma revisão integrativa da literatura para identificar os principais obstáculos enfrentados por essas mulheres no SUS, bem como estratégias e experiências exitosas que possam contribuir para a qualificação do atendimento. Essa revisão de literatura foi realizada por meio de publicações científicas encontradas nos seguintes bancos de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Public Medline (PubMed), Portal de Periódicos CAPES e Scientific Electronic Library Online (SciELO), sem restrição de período. Foram também consultados os sites oficiais do Ministério da Saúde e a literatura cinzenta. Esta revisão integrativa evidenciou que mães atípicas enfrentam múltiplos desafios no SUS, como invisibilidade institucional, falta de apoio psicológico e despreparo profissional. Apesar dessas limitações, experiências exitosas demonstram que estratégias como atendimento multiprofissional, escuta qualificada e ações intersetoriais podem qualificar o cuidado. Reconhecer essas mulheres como sujeitos de direito é fundamental para promover equidade e humanização na atenção à saúde. Assim, é urgente implementar políticas públicas específicas, protocolos de cuidado e formação profissional contínua, garantindo que o SUS atenda, de forma integral e sensível, às necessidades das mães atípicas e contribua para seu bem-estar físico, emocional e social.

**Palavras-chave:** Mães atípicas; Sistema Único de Saúde (SUS); Atendimento materno-infantil.

## ***Challenges and Strategies in the Care of Atypical Mothers in the Unified Health System (SUS): An Integrative Review***

### **ABSTRACT**

The Unified Health System (SUS) aims to ensure universal and equitable access to health, including maternal and childcare. However, atypical mothers — those who care for children with disabilities, rare diseases, or neurodevelopmental disorders — face unique challenges within the public network. The physical and emotional overload, added to the fragmentation of services and the lack of adequate reception, highlights gaps in the care offered. This study performs an integrative literature review to identify the main obstacles faced by these women in the SUS, as well as successful strategies and experiences that can contribute to the qualification of care. This literature review was carried out through scientific publications found in the following databases: Virtual Health Library (VHL), Public Medline (PubMed), CAPES Journal Portal, and Scientific Electronic Library Online (SciELO), with no period restriction. The official websites of the Ministry of Health and the grey literature were also consulted. This integrative review showed that atypical mothers face multiple challenges in the SUS, such as institutional invisibility, lack of psychological support, and lack of professional preparation. Despite these limitations, successful experiences demonstrate that strategies such as multiprofessional care, qualified listening, and intersectoral actions can qualify care. Recognizing these women as subjects of rights is essential to promote equity and humanization in health care. Thus, it is urgent to implement specific public policies, care protocols, and continuous professional training, ensuring that the SUS meets, in a comprehensive and sensitive way, the needs of atypical mothers and contributes to their physical, emotional, and social well-being.

**Keywords:** Atypical mothers; Unified Health System (SUS); Maternal and childcare.

**Autor correspondente:** Wanuely Andreza Silva Melo [dra.andrezamelo@gmail.com](mailto:dra.andrezamelo@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## INTRODUÇÃO

A consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), instituído pela Constituição Federal de 1988, representa um marco na democratização do acesso à saúde no Brasil. Com base nos princípios da universalidade, integralidade e equidade, o SUS busca garantir atenção à saúde para todos os cidadãos, com ênfase nas populações mais vulneráveis. Nesse contexto, a atenção materno-infantil ocupa papel estratégico, configurando-se como uma das áreas prioritárias da saúde pública, por meio de programas como o pré-natal, o acompanhamento puerperal e o cuidado integral à criança (PAIVA et al., 2014; SOUSA et al., 2019).

Historicamente, as políticas de saúde voltadas à maternidade concentraram-se no binômio mãe-bebê, muitas vezes limitando o olhar da assistência às gestantes e puérperas sem considerar a diversidade de experiências de maternagem presentes na sociedade. Dentre essas experiências, destacam-se as vivenciadas por mães atípicas — mulheres que assumem o cuidado de filhos com deficiência, doenças raras, transtornos do neurodesenvolvimento ou condições crônicas complexas. Essas mães enfrentam desafios singulares que extrapolam o escopo tradicional da assistência materna, exigindo respostas interdisciplinares, sensíveis e continuadas no âmbito do SUS (SMEHA et al., 2011; ANDRADE et al., 2015).

O termo mãe atípica vem ganhando destaque na literatura científica e nos debates sobre saúde pública e direitos sociais, sendo utilizado para descrever mulheres que exercem a maternidade em contextos de maior complexidade e vulnerabilidade, especialmente quando são responsáveis por cuidar de filhos com deficiências físicas, intelectuais, sensoriais, doenças crônicas, transtornos do neurodesenvolvimento — como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) — ou condições raras. A atipicidade, nesse contexto, não está ligada a um desvio da maternidade normativa, mas sim à intensificação das demandas físicas, emocionais, sociais e institucionais impostas por uma rotina de cuidados ampliados (KINTOPE et al., 2020).

Estudos indicam que mães atípicas, em comparação com mães de filhos neurotípicos ou saudáveis, enfrentam uma sobrecarga significativa em termos de tempo, energia e saúde mental. São mulheres que, frequentemente, deixam de lado suas próprias necessidades, sua vida profissional e até mesmo seus vínculos sociais para



atender às exigências de um cuidado permanente e, muitas vezes, solitário. Além disso, enfrentam dificuldades para acessar serviços de saúde de maneira adequada e contínua, enfrentando obstáculos estruturais, comunicacionais e emocionais no contato com os serviços do Sistema Único de Saúde (SMEHA et al., 2011).

A literatura destaca ainda que o conceito de maternidade atípica deve ser analisado à luz das intersecções entre gênero, classe social e acesso a políticas públicas. Ser mãe atípica no Brasil implica não apenas o cuidado com uma criança que exige atenção especializada, mas também o enfrentamento de um sistema de saúde ainda pouco adaptado às suas demandas singulares. Reconhecer essas mulheres como sujeito de direitos e foco de atenção em políticas públicas é essencial para promover a equidade e a justiça social no cuidado materno-infantil (MAIA et al., 2024).

A ausência de políticas públicas específicas, a desarticulação entre os níveis de atenção, o despreparo de profissionais para lidar com demandas psicossociais e a invisibilização da figura da mãe atípica como sujeito do cuidado são alguns dos entraves que dificultam a efetivação de um atendimento integral. Diante desse cenário, torna-se imprescindível compreender os desafios enfrentados por essas mulheres e identificar estratégias capazes de qualificar o atendimento prestado na rede pública de saúde. Assim, este estudo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura sobre os principais obstáculos e propostas de cuidado às mães atípicas no SUS, contribuindo para o fortalecimento de práticas mais humanizadas, inclusivas e resolutivas.

## **METODOLOGIA**

Esta revisão de literatura foi elaborada a partir da análise de publicações científicas obtidas em diferentes bases de dados, incluindo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a Public Medline (PubMed), o Portal de Periódicos da CAPES e a Scientific Electronic Library Online (SciELO), sem delimitação temporal. Além dessas fontes, também foram consultados materiais disponíveis em sites oficiais do Ministério da Saúde e documentos pertencentes à chamada literatura cinzenta.

Para a realização da busca, foram utilizadas as palavras-chave “Materno-infantil”, “SUS”, “Mães Atípicas”, combinadas por meio dos operadores booleanos

“AND” e “OR”. Os critrios de incluso adotados foram: (1) artigos disponveis na ntegra com acesso gratuito e (2) estudos que apresentassem pertinncia ao tema proposto. Foram excluidos da anlise os comentrios, cartas ao editor, trabalhos que no apresentavam dados concretos ou concluses, bem como os que no abordavam diretamente o foco central do estudo.

A pesquisa foi refinada por meio da aplicao de filtros nos campos de ttulo, resumo e assunto. Apes essa triagem inicial, os artigos selecionados passaram por uma leitura completa, e as informaes extraidas foram organizadas e analisadas com o auxlio do software Microsoft Office Word. A sistematizao dos dados foi conduzida por meio de uma anlise descritiva e quantitativa, com os resultados apresentados de maneira dissertativa.

## **RESULTADOS E DISCUSSAO**

### **Perfil das Mães Atpicas no Contexto da Saude Pblica**

O perfil das mres atpicas no contexto da saude pblica brasileira revela um conjunto de caractersticas marcadas pela sobrecarga emocional, fsica e social, muitas vezes invisibilizadas nos espaos formais de cuidado. Essas mulheres, majoritariamente jovens ou adultas em idade produtiva, so frequentemente as nicas ou principais responsveis pelos cuidados dirios de filhos com deficincias, doenas crnicas, sndromes genticas ou transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em muitos casos, essas mres enfrentam a maternidade em contextos de baixa renda, escolaridade limitada e escasso acesso a redes de apoio institucional e familiar, o que amplia ainda mais os desafios vivenciados (SMEHA et al., 2011; PONTE et al., 2022).

No cotidiano, a rotina dessas mres e permeada por compromissos mdicos constantes, idas frequentes a servios especializados, realizao de terapias, controle medicamentoso e demandas escolares diferenciadas, alm da organizao do lar e, em muitos casos, da tentativa de conciliar trabalho e gerao de renda. Esse cenrio leva a um risco elevado de exaustao fsica e adoecimento psquico, uma vez que o autocuidado e a saude mental dessas mulheres tendem a ser negligenciados, tanto por elas mesmas quanto pelos profissionais de saude. E comum que relatem sentimentos de solidao,



ansiedade, culpa e frustração, intensificados pela falta de reconhecimento institucional de suas necessidades enquanto cuidadoras primárias (FAVERO-NUNES *et al.*, 2010).

A literatura evidencia, ainda, que essas mães têm pouco acesso a informações adequadas sobre os direitos da criança com deficiência e sobre os seus próprios direitos enquanto cuidadoras. Frequentemente, são atendidas por profissionais despreparados para lidar com a complexidade de suas vivências, o que contribui para a reprodução de estigmas, julgamentos e abordagens desumanizadas. Além disso, o modelo tradicional de assistência à saúde materno-infantil muitas vezes se mostra limitado ao cuidado gestacional ou ao binômio mãe-bebê, desconsiderando as especificidades das mães atípicas e perpetuando lacunas na assistência longitudinal. Portanto, compreender o perfil dessas mulheres é essencial para reorientar práticas no Sistema Único de Saúde (SUS), reconhecendo-as como sujeitos de cuidado e não apenas como acompanhantes ou coadjuvantes no processo terapêutico de seus filhos (CERQUEIRA *et al.*, 2016).

### **Desafios no Atendimento às Mães Atípicas no SUS**

O atendimento às mães atípicas no Sistema Único de Saúde (SUS) ainda enfrenta inúmeros desafios estruturais, institucionais e humanos, que comprometem a qualidade e a continuidade do cuidado ofertado. Um dos principais entraves refere-se à fragmentação da rede de atenção, que dificulta o acesso articulado entre os diferentes níveis de cuidado — da atenção básica à alta complexidade —, resultando em atendimentos pontuais e desintegrados. A ausência de fluxos bem definidos e de uma abordagem centrada na família impede que essas mães encontrem respaldo adequado para suas múltiplas demandas, tanto em relação aos filhos quanto a elas próprias (CORREA *et al.*, 2024).

Outro obstáculo relevante diz respeito ao despreparo de grande parte dos profissionais de saúde para lidar com situações de maternidade atípica. Muitos não recebem formação adequada sobre deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento ou o manejo de doenças raras, tampouco sobre os impactos psicossociais que recaem sobre a figura materna. Isso se traduz em atendimentos centrados exclusivamente na criança, ignorando o sofrimento, a sobrecarga emocional e as necessidades específicas da mãe como sujeito de cuidado. Em consequência, essas mulheres frequentemente relatam sentimentos de desamparo, julgamento e invisibilidade nos espaços de



atendimento, o que agrava o quadro de estresse crnico e pode levar ao afastamento progressivo dos servios de sade (IRIART et al., 2019).

Há barreiras relacionadas à organizao e à acessibilidade dos servios. A dificuldade de agendamento de consultas especializadas, a escassez de profissionais de apoio psicolgico, a descontinuidade de terapias e a ausncia de espaos para acolhimento e escuta ativa representam desafios recorrentes. As mes atpicas, por vezes, precisam se deslocar por longas distncias, enfrentar filas extensas ou lidar com a burocracia institucional para garantir os cuidados necessrios aos filhos, o que compromete sua prpria sade fsica e mental. Em muitos casos, no h polticas institucionais que considerem a dupla condio dessas mulheres: enquanto cuidadoras e enquanto usuarias que tambm demandam ateno e suporte contnuos (OLIVEIRA et al., 2017).

Tais desafios apontam para a necessidade urgente de reviso das prticas e diretrizes no mbito do SUS, de forma a incorporar uma perspectiva integral e humanizada no atendimento s mes atpicas. A superao dessas barreiras exige no apenas mudanas operacionais, mas tambm o reconhecimento tico e poltico da maternidade atpica como uma condio que requer suporte especfico, contnuo e qualificado por parte do sistema pblico de sade.

### **Estratgias Existentes e Experincias Exitosas**

Diante dos inmeros desafios enfrentados por mes atpicas no contexto do Sistema nico de Sade (SUS), algumas estratgias e experincias exitosas vm sendo desenvolvidas em diferentes regies do pas com o intuito de ampliar o acesso, qualificar o cuidado e promover uma abordagem mais humanizada e integral. Tais iniciativas, embora ainda pontuais e em sua maioria vinculadas a experincias locais ou projetos de extenso universitria, revelam caminhos possveis para o fortalecimento de prticas mais sensveis e resolutivas no mbito da sade pblica.

Uma das estratgias mais reconhecidas a implantao de equipes multiprofissionais na Ateno Primria s Sade, por meio do Ncleo Ampliado de Sade da Famlia e Ateno Bsica (NASF-AB). Essas equipes permitem a atuao integrada de profissionais como psiclogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e



fisioterapeutas, o que favorece uma visão ampliada das necessidades das mães atípicas e de seus filhos. Além do atendimento clínico, essas equipes vêm promovendo ações de escuta qualificada, grupos de apoio e acompanhamento longitudinal, o que contribui para reduzir o isolamento materno e fortalecer vínculos comunitários (SILVA *et al.*, 2019).

Outra iniciativa relevante é o desenvolvimento de grupos terapêuticos e rodas de conversa voltados especificamente para mães atípicas, realizados em unidades básicas de saúde, centros de reabilitação e hospitais universitários. Esses espaços promovem acolhimento emocional, troca de experiências e orientação sobre os direitos sociais e de saúde, possibilitando que essas mulheres se reconheçam como protagonistas do cuidado e ampliem sua rede de apoio. Além disso, há relatos positivos da atuação de programas intersetoriais que envolvem saúde, educação e assistência social, sobretudo quando há articulação com Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) (SILVA *et al.*, 2019; JÚNIOR, 2024).

Em alguns municípios, também se destacam projetos de capacitação permanente de profissionais de saúde sobre temas relacionados à deficiência, neurodesenvolvimento e cuidados centrados na família. Essas capacitações contribuem para desconstruir estigmas, promover abordagens empáticas e qualificar o acolhimento de mães atípicas, reduzindo falhas na comunicação e no vínculo terapêutico. Experiências exitosas nesse sentido demonstram que o investimento em educação permanente dos profissionais e na sensibilização das equipes é fundamental para transformar a cultura institucional e ampliar a efetividade das políticas públicas voltadas a esse público.

Portanto, ainda que existam limitações estruturais e desigualdades regionais, as estratégias e experiências mencionadas revelam que é possível avançar na construção de um cuidado mais inclusivo e comprometido com a realidade das mães atípicas. A valorização dessas práticas e sua replicação em maior escala representam um passo importante rumo à consolidação de um SUS verdadeiramente equitativo e humanizado.

### **Propostas e Recomendações para o SUS**



Diante dos desafios identificados e das experiências exitosas já em curso, torna-se imprescindível propor recomendações concretas que possibilitem o aprimoramento do atendimento às mães atípicas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Tais propostas devem ser pautadas na promoção da equidade, da integralidade do cuidado e do reconhecimento das especificidades desse grupo, historicamente invisibilizado pelas políticas públicas tradicionais.

Uma das principais recomendações diz respeito à formação e capacitação permanente dos profissionais de saúde, especialmente na atenção primária, sobre os aspectos biopsicossociais relacionados à maternidade atípica. É fundamental que os profissionais sejam sensibilizados e instruídos para atuar com empatia, escuta ativa e abordagem centrada na família, reconhecendo a mãe atípica como sujeito de cuidado e não apenas como acompanhante da criança. A incorporação de temas como deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento e saúde mental materna nos processos de educação continuada pode contribuir para a transformação das práticas institucionais e melhoria do vínculo entre usuárias e equipe (OLIVEIRA *et al.*, 2013; SILVA *et al.*, 2016).

Outra medida prioritária é a criação e implementação de protocolos específicos de atenção à mãe atípica, integrando ações de saúde física, mental e social. Esses protocolos devem assegurar o acesso facilitado a consultas de rotina, atendimento psicológico, acompanhamento multiprofissional e encaminhamentos especializados. A inclusão da mãe nas linhas de cuidado já existentes, como a saúde da mulher, saúde mental e reabilitação, deve ser formalizada, assegurando que suas necessidades não sejam negligenciadas no modelo assistencial vigente (ALMEIDA *et al.*, 2018).

Adicionalmente, recomenda-se o fortalecimento da articulação intersetorial entre saúde, assistência social e educação, com foco na construção de redes de apoio territoriais. Parcerias com Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e escolas podem potencializar o cuidado integral e oferecer suporte mais consistente às mães atípicas. A valorização de iniciativas comunitárias, como grupos de apoio, projetos de extensão universitária e ações educativas voltadas à população, também se mostra essencial para ampliar o acesso à informação, ao acolhimento e ao empoderamento dessas mulheres.

Por fim, destaca-se a necessidade de desenvolver indicadores específicos para o



monitoramento e avaliação do cuidado prestado às mães atípicas, a fim de embasar a formulação de políticas públicas, orientar recursos e identificar lacunas assistenciais. O reconhecimento institucional da figura materna atípica como usuária prioritária do SUS representa um passo crucial para a construção de um sistema de saúde mais justo, inclusivo e capaz de responder à diversidade das experiências de maternagem na sociedade contemporânea.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente revisão integrativa evidenciou que, embora o Sistema Único de Saúde (SUS) tenha como premissa a universalidade, integralidade e equidade no atendimento, ainda há uma série de lacunas significativas no cuidado às mães atípicas — mulheres que exercem a maternidade em contextos marcados por complexidade, sobrecarga e demandas permanentes de cuidado. A negligência institucional em reconhecer essas mães como usuárias com necessidades próprias de saúde física, mental e social resulta em práticas fragmentadas, desarticuladas e, muitas vezes, desumanizadas no cotidiano dos serviços públicos de saúde.

Os desafios enfrentados por essas mulheres — como a invisibilidade nos espaços de cuidado, a ausência de protocolos específicos, o despreparo profissional e a escassez de suporte psicológico — revelam a urgência de repensar as formas de organização e oferta dos serviços de saúde no país. Ao mesmo tempo, experiências exitosas demonstram que a inclusão de abordagens multiprofissionais, ações intersetoriais, rodas de escuta e capacitação continuada são estratégias viáveis e eficazes para qualificar esse atendimento, desde que haja vontade política e investimento técnico-operacional.

Diante desse panorama, recomenda-se a formulação de políticas públicas que reconheçam a maternidade atípica como uma condição que exige suporte específico, contínuo e centrado na singularidade de cada vivência. É fundamental que o SUS avance na construção de práticas que coloquem a mãe como protagonista do cuidado, valorizando sua saúde, seus direitos e sua autonomia. Assim, será possível caminhar na direção de um modelo de atenção verdadeiramente inclusivo, acolhedor e comprometido com a diversidade das trajetórias maternas no Brasil.



## REFERNCIAS

ALMEIDA, P. F. DE . et al. Coordenaao do cuidado e Atenao Primria a Saude no Sistema nico de Saude. Saude em Debate, v. 42, n. spe1, p. 244–260, set. 2018.

ANDRADE, R. D. et al. Fatores relacionados a saude da mulher no puerprio e repercussoes na saude da crianaa. Escola Anna Nery, v. 19, n. 1, p. 181–186, jan. 2015.

CERQUEIRA, M. M. F.; ALVES, R. DE O.; AGUIAR, M. G. G. Experiencias vividas por maes de crianas com deficincia intelectual nos itinerarios terapeuticos. Ciencia & Saude Coletiva, v. 21, n. 10, p. 3223–3232, out. 2016.

CORREA, K.S. et al. Desafios e estrategias de enfrentamento para pais de crianas autistas: um estudo sobre itinerario terapeutico no processo de diagnostico e tratamento . *Caderno Pedagogico*, 21(12), e10538, 2024.

FAVERO-NUNES, M. A.; SANTOS, M. A. DOS. Itinerario terapeutico percorrido por maes de crianas com transtorno autistico. Psicologia: Reflexao e Critica, v. 23, n. 2, p. 208–221, 2010.

IRIART, J. A. B. et al. Da busca pelo diagnostico as incertezas do tratamento: desafios do cuidado para as doencas geneticas raras no Brasil. Ciencia & Saude Coletiva, v. 24, n. 10, p. 3637–3650, out. 2019.

JUNIOR, MF. Percepcao das maes de pessoas com transtorno do espectro autista sobre cuidados no sistema nico de saude. Dissertacao, 2024

KINTOPE, L.O. et al. Empoderando maes atpicas: um estudo de campo sobre a importancia da autoestima na maternidade atpica. Journal of Media Critiques. Brazil, Vol. 6, n. 18, p. 21-36, 2020

MAIA, G. B; MUNER, L. C. Maternidade atpica: O estresse das maes cuidadoras de crianas com o transtorno do espectro autista. Faculdade Cathedral, v. 6, n. 2, 2024

OLIVEIRA, A. P. C. DE . et al. Desafios para assegurar a disponibilidade e acessibilidade a assistencia medica no Sistema nico de Saude. Ciencia & Saude Coletiva, v. 22, n. 4, p. 1165–1180, abr. 2017.

OLIVEIRA, M. A. DE C.; PEREIRA, I. C. Atributos essenciais da Atenao Primria e a Estrategia Saude da Familia. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 66, n. spe, p. 158–164, set. 2013.

PAIVA, C. H. A.; TEIXEIRA, L. A. Reforma sanitaria e a criaao do Sistema nico de Saude: notas sobre contextos e autores. Historia, Ciencias, Saude-Manguinhos, v. 21, n. 1, p. 15–36, jan. 2014.



PONTE, Amélia Belisa Moutinho da; ARAUJO, Lucivaldo da Silva. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. *Rev. NUFEN*, Belém , v. 14, n. 2, p. 1-15, ago. 2022 .

SILVA, C. C. B. DA .; MOLERO, E. S. DA S.; ROMAN, M. D. A Interface entre Saúde e Educação: percepções de educadores sobre educação inclusiva. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 20, n. 1, p. 109–115, jan. 2016.

SILVA, I. C. B. DA . et al. O processo de trabalho do núcleo ampliado de saúde da família e atenção básica. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 17, n. 1, p. e0018009, 2019.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em Estudo*, v. 16, n. 1, p. 43–50, mar. 2011.

SOUSA, M. F. DE . et al. Potencialidades da Atenção Básica à Saúde na consolidação dos sistemas universais. *Saúde em Debate*, v. 43, n. spe5, p. 82–93, 2019.